

**Leonardo de  
Souza Moura.**

Doutorando em  
Comunicação e  
Práticas de Consumo  
como bolsista  
PROSUP/CAPES  
pela Escola Superior  
de Propaganda  
e Marketing de  
São Paulo. ORCID:  
[https://orcid.  
org/0000-0002-  
5374-8229](https://orcid.org/0000-0002-5374-8229). E-mail:  
[leonardo.moura.77@  
acad.espm.br](mailto:leonardo.moura.77@acad.espm.br)

**A ditadura e a ilusão do  
empreendedorismo**

LORUSSO, Silvo. **Emprecariado. Todo mundo é empreendedor. Ninguém está a salvo**. São Paulo: Clube do Livro do Design, 2023.

“Emprecariado. Todo mundo é empreendedor. Ninguém está a salvo”, obra do *designer* e pesquisador italiano Silvio Lorusso, publicada originalmente em 2018 pela editora Krisis Books, ganha nova impressão no Brasil. Sua primeira publicação em português foi em janeiro de 2023 pelo Clube do Livro do Design (São Paulo), mesma editora que o relança em 2024 sob coordenação da *designer* e editora Tereza Bettinardi. A obra, que já foi traduzida também para o inglês em 2020 pela editora holandesa Onomatopee, mantém a versão original do título e do subtítulo em italiano (*Entpreccariat: siamo tutti imprenditori: nessuno è al sicuro*), possibilitando instigar sobre os temas que se desdobram em seus três capítulos, acrescidos de introdução e fechamento.

Além de *designer* gráfico, Silvio Lorusso é artista e professor assistente da Universidade Lusófona de Lisboa. É doutor em Ciências do *Design* pela Universidade Luav de Veneza. Seu trabalho explora temas como comunicação visual, memes, publicação pós-digital, empreendedorismo, precariedade, plataformas digitais, cultura e política do *design*, codificação criativa, arte, educação em *design* e videogames.

O livro começa tratando da origem do termo que dá título à obra. O autor descobre que “emprecariado” foi utilizado pelo músico de *heavy metal* e acadêmico Jason Netherton em 2016 em um *workshop* intitulado *The Entrepreneurial imperative: Recording Artists in Extreme Metal Music Proto-Markets* (“O Imperativo Empreendedor: A Gravação de Artistas em Proto-Mercados de Música de Metal

Extremo” – tradução própria). Lorusso atesta que Netherton não trada do emprefariado à sua maneira. A partir de então, o autor faz um competente estado da arte que resgata obras que apoiam na formulação conceitual de emprefariado.

Lorusso observa que o que caracteriza o emprefariado é o fardo de se fazer investimentos pessoais a todo o tempo em nossas carreiras para que possamos tentar garantir eventuais trabalhos remunerados, ainda que sem qualquer garantia de previsibilidade sobre o futuro. O emprefariado vive no presente, agrupando profissionais de diferentes formações e classes sociais, muito além daqueles usualmente caracterizados como precários (entregadores de comida ou motoristas de aplicativo, por exemplo). Os autores que auxiliam nesta formulação conceitual são extensamente citados na obra: Richard Sennett (2005), Franco Berardi (2009), Guy Standing (2011), Alex Foti (2017) e Elizabeth Currid-Halkett (2017).

O primeiro capítulo de “Emprefariado”, denominado “Valores Essenciais”, é dividido em três partes: “1.1 Seja como Elon: O que é um empreendedor?”; “1.2 Expectativas vs. Realidade: Unboxing da precariedade”; e “1.3 “Fake it till you make it: Precariado empreendedor ou empreendedorismo precarizado?”. Lorusso apresenta o cenário da escola austríaca e sua corrente neoliberal que instiga, ainda hoje, o empreendedorismo indiscriminado como fator de sucesso para a sociedade e para o indivíduo. Feito isso, o autor aprofunda sua formulação crítica. Franco Bifo Berardi é um de seus aportes teóricos principais, pois, como aponta o Lorusso, para Bifo, precária é a “pessoa que não é capaz de saber nada sobre seu próprio futuro” (Lorusso, 2024, p. 43). Sennett, outra

referência extensa do autor, tem seu conceito de “corrosão do caráter” explicado por Lorusso como uma flutuação à deriva da vida interior, corrompida por relações sociais também à deriva num mundo em que profissionais pulam de trabalho em trabalho, de projeto em projeto, a fim de garantir sua sobrevivência profissional, corrompendo, com isso, seu sentimento de grupo, sua visão de classe e suas relações pessoais e sociais. Vai ficando claro, nesse momento, o que torna precariamente semelhantes profissionais com curso superior, velhos ou jovens (ainda que estes formem a maior parte da população global sem emprego formal), nativos e imigrantes, e colarinhos branco e azul sem emprego formal: a flexibilidade exigida por um mundo de trabalho no qual quem cobra menos pode garantir o serviço, ainda que isso diminua o valor total do trabalho remunerado e beneficie, acima de tudo, plataformas digitais.

O conceito de precariado, que Lorusso expande para além das tradicionais classes trabalhadoras abandonadas, parte do economista Guy Standing (2011). O precariado, na formulação de Standing, é o sujeito oriundo das ex-classes proletárias que, agora, são força de trabalho em massa sem direitos sociais e trabalhistas, pois estes passaram a ser negados pelo estado, pelos partidos políticos e pelas corporações. Lorusso pontua que todo o empregariado, apesar de não se entender como classe, está sujeito a riscos e faltas de oportunidades semelhantes, condenado a viver no presente de maneira otimista. Poderíamos incluir no grupo uma geração grande de coaches, influenciadores ou demais empresários do atual meio digital que também se fizeram às custas de esforços e empreendedorismo. A partir de Currid-Halkett (2017),

Lorusso sinaliza o caráter aspiracional social que estas figuras inspiram também a grupos de diferentes classes e personalidades. A figura do empreendedor, que superou o abandono das corporações e do estado, tornou-se emblema de sucesso. O empregariado é, então, um homem psicológico e econômico que buscou sua libertação de um sistema ao qual está sujeito pelas vias do trabalho que o próprio sistema o impõe, sem muita saída.

O 'empreendedorismo' [termo usado pelo autor para explicar o espírito do tempo que convoca todos a serem empreendedores] é sobre o sonho da realização profissional, que é a única realização imaginável, mas também sobre o senso de agência do controle, de ser mestre do próprio destino. [...] Ao combinar exploração e libertação, o empreendedorismo constitui uma exploração da libertação (Lorusso, 2024, p. 71).

Não à toa, portanto, Elon Musk ou mesmo outros empresários de sucesso das empresas de tecnologia do Vale do Silício são símbolo aspiracional para diferentes classes sociais que empreendem, sobretudo, para aquelas com formação acadêmica e origem de extratos sociais mais elevados.

O segundo capítulo, denominado "Ativos", divide-se entre: "2.1 Tempo: Você não deveria estar trabalhando?"; "2.2 Espaço: Assentando-se no escritório interminável"; e "2.3 Mente: Hackeie a si mesmo". Lorusso discorre sobre como o sujeito psicológico tornou-se, antes de tudo, econômico, fazendo de toda forma de socialização uma base de sobrevivência. Cada um deve cultivar um *network* infinito. Soma-se a isso um viés de positividade que ocupa não só o

pensamento empreendedor – cada dia pode ser um dia de novas oportunidade – mas também embasa o guia prático de alguns coaches que, como parte do empregariado, também são empreendedores de si e buscam remuneração ensinando aos outros como se tornar bem-sucedido. É neste capítulo que o autor explora o fato de a positividade atingir níveis críticos de toxicidade ao dar exemplo de trabalhadores que, ainda que demitidos com ou sem justa causa, devem, mostrar-se gratos pelo que a empresa fez até seus desligamentos, ainda que diante de um futuro incerto.

Essa docilidade, expressa em redes sociais como o LinkedIn, violentamente autoimposta, deixaria, na visão empreendedora, o sujeito melhor posicionado no mundo dos negócios. Recalcar a negatividade é um dogma do empregariado, que não pode se dar ao luxo e ao tempo de refletir como sair dessa tamanha a necessidade de buscar sua realização pessoal, financeira e profissional, seja por vocação, aspiração ou necessidade.

A exploração do empregariado é feita de modo global ou local pelas “Plataformas”, nome do terceiro capítulo, dividido em “3.1 LinkedIn: o cv que nunca dorme”; “3.2 Fiverr: Autodestruição criativa”; e “3.3 GoFundMe: a tragédia do financiamento coletivo”. É nesta parte que Lorusso desenvolve como plataformas se beneficiam deste *status quo* do empregariado, seja ele de que classe for, enriquecendo as bases acionárias dos negócios digitais às custas de uma comoditização dos trabalhos e um achatamento de preços diante de uma competitividade global infinita.

O autor finaliza o livro com uma reflexão final denominada “Estratégia de Fuga”, que requer que o empregariado, antes de tudo, se reconheça como tal e como parte de um conjunto que une diferen-

tes tipos de profissionais qualificados, gerações que trabalharam ou aquelas que nunca trabalharam formalmente às classes proletárias abandonadas e que trabalham na *gig economy*<sup>1</sup>. No Brasil, é lugar-comum pensarmos na precarização como algo diretamente associado aos profissionais liberais que servem de mão de obra para plataformas como Uber ou iFood, como baixa remuneração por serviço, parca ou nenhuma garantia trabalhista ou nenhuma compensação por tempo não trabalhado devido a doença ou descanso. O que o livro nos alerta é que esta cultura não está restrita ao que é usualmente pensado ou que já foi academicamente conceituado como precariado. A precarização abarca todos os tipos de profissionais, com ou sem diploma de curso superior, com ou sem trabalho formal. O que torna todos semelhantes é a falta de garantias do estado ou de corporações, um futuro incerto e, sobretudo, a falta do entendimento de si como sujeitos pertencentes a uma classe.

## Referências

BERARDI, F. **The soul at work: from alienation to autonomy**. Los Angeles: Semiotext(e), 2009.

CURRID-HALKETT, E. **The Sum of Small Things: A Theory of the Aspirational Class**. Princeton: Princeton University Press, 2017.

FOTI, A. **General theory of the precariat: Great Recession, revolution, reaction**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2017.

NETHERTON, J. The entrepreneurial imperative: Recording artists in extreme metal music proto-markets. *ResearchGate*, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319430514\\_The\\_entrepreneurial\\_imperative\\_Recording\\_artists\\_in\\_extreme\\_metal\\_music\\_proto-markets](https://www.researchgate.net/publication/319430514_The_entrepreneurial_imperative_Recording_artists_in_extreme_metal_music_proto-markets). Acesso em: 9 out. 2024.

---

1 Gig economy é o modelo econômico caracterizado pela prevalência de trabalhos temporários, flexíveis e baseados em demandas específicas, em vez de empregos tradicionais de longo prazo com vínculo empregatício formal.